



A GINÁSTICA PARA TODOS NO ENSINO SUPERIOR: UMA EXPERIÊNCIA AUTOETNOGRÁFICA

Cristiane Vianna Guzzoni⁷⁹

crisguzzoni@gmail.com

Renata Frazão Matsuo⁸⁰

renata_matsuo@yahoo.com.br

Como professoras, inseridas alguns anos no ensino superior de universidades particulares na cidade de São Paulo, temos observado diversos problemas como: turmas superlotadas, locais inadequados para as aulas, módulos que juntam diversas graduações, entre outros. Especialmente na Educação Física (EF), curso de nossa atuação, temos enfrentado, nas turmas iniciais, todos esses problemas, com um agravante: lecionamos disciplinas práticas. Nesse sentido, como educadoras, temos refletido sobre qual nosso papel na formação desses profissionais, e além disso, quais ações pedagógicas tomar quando enfrentamos essa realidade. A disciplina de ginástica no ensino superior tem como finalidade reconhecer a Ginástica Geral (GG) como um conteúdo da EF e também oferecer conhecimentos técnicos científicos a respeito da GG e sua aplicabilidade no mercado de trabalho. Neste sentido, nosso desafio tem sido garantir uma vivência significativa aos nossos alunos, visando a incorporação e a ampliação da utilização deste conteúdo na atuação destes futuros profissionais. A Ginástica para Todos (GPT) é uma ginástica que segundo Stanquevich, (2004) se diferencia das demais modalidades gímnicas de competição pelo seu caráter de demonstração e, também, pela amplitude de possibilidades que ela tem e que não limita a participação do praticante. Assim, a metodologia de trabalho deve ser adequada ao grupo, de acordo com suas características e individualidades, além disso, existe a possibilidade de adaptação dos elementos gímnicos, dos materiais e aparelhos utilizados na composição coreográfica, bem como a inclusão de outras referências e experiências culturais. O objetivo desse relato é narrar, por meio de uma experiência vivida e sentida, o processo de construção de conhecimento acerca da GPT com uma turma de ingressantes no curso de EF de uma universidade particular em São Paulo no ano de 2018. Nosso processo investigativo, assim como nosso processo pedagógico, fez uso da autoetnografia proposta pelo professor Norman Denzin (2017; 2016). Autoetnografia é uma forma de investigação cuja experiência pessoal, vivida pela pessoa pesquisadora, norteia as ações para a construção do conhecimento. No nosso caso, o projeto autoetnográfico, foi construído ao longo do processo pedagógico, como uma possibilidade de investigação, mas também como um processo de reflexão e construção de conhecimento das pessoas envolvidas (professoras, educandos e educandas). A autoetnografia propõe um espaço em que histórias pessoais se cruzam com a história presente, em que os contextos biográficos são re-contextualizados no presente político e cultural (DENZIN, 2017). Há aproximadamente três anos demos início a esse projeto autoetnográfico com as alunas e alunos ingressantes do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física, desenvolvendo em nossa unidade de ensino um trabalho interdisciplinar, unindo as disciplinas de ginástica geral e ritmo e dança. Nossa experiência com essas pessoas tem nos levado a resultados muito interessantes, não somente com relação à aprendizagem, mas também quanto à receptividade dessa disciplina prática, e principalmente, ao favorecimento de tomadas de decisão, autonomia e empoderamento do grupo. Nossos diários de classe, os registros fotográficos das aulas e as conversas informais dos discentes

⁷⁹ Universidade Paulista (UNIP).

⁸⁰ Universidade Paulista (UNIP) / Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP).



constituíram-se os instrumentos da nossa investigação. Apesar de não sermos antropólogas, o resultado dessa pesquisa é narrar, contando um pouco dessa experiência vivida. Desde o primeiro dia de aula já indicamos aos alunos e alunas nosso objetivo final da disciplina: a construção de uma apresentação de GPT a partir das construções de conhecimento realizadas ao longo do semestre. Como professoras embasadas na concepção pedagógica freireana, nossas propostas diárias são de construções “com”, por meio de tarefas realizadas em grupos. Com uma turma muito grande, e com diferentes expectativas, desenvolver um processo pedagógico construtivista nos facilitou a receptividade e participação das pessoas envolvidas, ocorrendo logo nas primeiras aulas a integração e envolvimento de toda a turma. Cabe aqui salientar, que, mesmo não sendo de conhecimento dos alunos, além da construção coreográfica, também tínhamos como objetivo que eles compreendessem acerca do processo de planejamento das aulas (plano de aula), algo que tínhamos sentido dificuldade em ensinar, visto que a turma é formada por alunos ingressantes. Sendo assim, nosso planejamento partia da ideia de chegarmos juntos ao fim do semestre, à uma concepção autônoma tanto para a elaboração da apresentação, quanto para o planejamento de aulas por parte dos alunos. A cada aula, tarefas eram programadas por nós, para que preparasse a turma afim de atingir nossos objetivos: Tarefas para percepção e conscientização corporal, desenvolvimento rítmico, uso do espaço, acrobacias, uso de aparelhos (oficiais e adaptados), os conceitos e históricos das diferentes ginásticas, e assim por diante. Ao final de cada aula, os alunos tinham que apresentar pequenas “partituras” corporais, contendo as tarefas do dia e agregando as tarefas das aulas vivenciadas nas semanas anteriores. Após as apresentações, diálogos eram traçados para compreensão do processo da aula, bem como para trazer à racionalidade as experiências sentidas. Era comum ouvirmos frases como: “Nunca imaginei que eu seria capaz de fazer algo desse tipo!” ou ainda “Nossa! Não é que nós conseguimos!”. Ao final do semestre, com um tema central “Cultura Popular Brasileira”, nossa proposta no ano de 2018 foi que os grupos buscassem trazer à tona por meio das construções coreográficas a cultura corporal do nosso país. Algumas aulas foram dedicadas para que discutíssemos sobre os temas possíveis e a contextualização no nosso tempo presente. Vale destacar que estávamos vivendo um período de conturbações políticas, sendo evidente que nossas discussões em aula fossem carregadas de construções reflexivas e críticas. Para Norman Denzin este é um dos papéis da autoetnografia, em especial aquela em que ele chama de “autoetnografia performativa” (2016), em que não só se conta a história, mas se vive ela no corpo, artisticamente. Nesse sentido, embasadas pela teoria desse autor, podemos afirmar que nossa construção foi uma autoetnografia performática, uma vez que temáticas reflexivas e concepções coreográficas críticas deram vida às questões como: “quem ganha com a ampliação do funk carioca nas mídias?” “como se dava a cultura durante a escravidão?” “por quê determinados ritmos musicais tocam mais que outros?” “o que é cultura erudita e cultura popular?” Após um semestre de construção, nos dias 29 e 30 de novembro de 2018 aconteceram as apresentações. Logo após, reunimos todas as pessoas para que o diálogo fosse traçado. Um misto de emoção e responsabilidade tomava conta dos nossos alunos e alunas: “estávamos tão nervosas!”, “foi tão rápido!”, “não queria que acabasse!” E nós duas, emocionalmente tocadas, entendemos nosso papel na universidade: formação de pessoas, mais do que de profissionais, pessoas reflexivas e críticas, pessoas que descobrem o seu potencial de fazer, construir e elaborar a partir de suas experiências e também de suas expectativas, pessoas preocupadas com o mundo em que vivemos e preocupadas com a transformação desse mundo.

Palavras-chave: *GPT; autoetnografia; ginástica; educação física.*



Referências:

DENZIN, Norman K. Autoetnografia interpretativa. **Investigacion Cualitativa**, v. 2, n. 1, p. 81-90, 2017.

_____. Re-leyendo performance, praxis y política. **Investigación Cualitativa**, v. 1, n. 1, p. 57-78, 2016.

PAOLIELLO, E. **Ginástica Geral – experiências e reflexões**. São Paulo: Phorte, 2008.

STANQUEVISCH, P. **Possibilidades do corpo na ginástica geral a partir do discurso dos envolvidos**. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Metodista de Piracicaba – Unimep. Piracicaba, 2004.

TOLEDO, E.; TSUKAMOTO, M. H. C.; GOUVEIA, C. R. Fundamentos da ginástica geral. In.: NUNOMURA, M.; TSUKAMOTO, M. H. C. **Fundamentos das ginásticas**. Jundiaí: Fontoura, 2009, 23-50.